



A BANDA CLUBE E A CULTURA: “SGT PEPPERS LONELY HEARTS CLUB BAND” E SEUS IMPACTOS ESTÉTICOS E ARTÍSTICOS

*Nuno Augusto dos Reis Melo**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ORCID:0009-0000-5989-8714

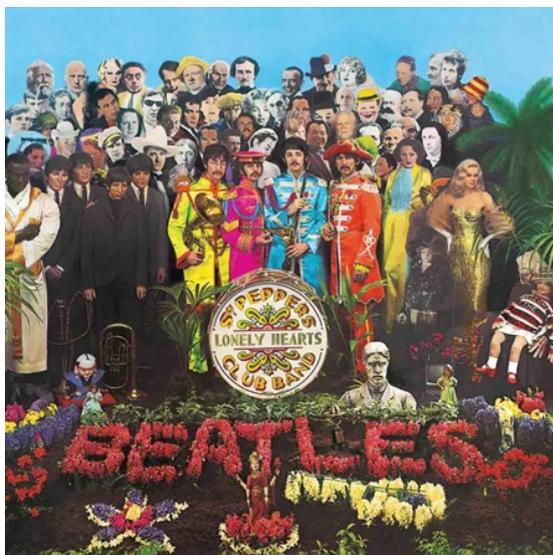
*Autor correspondente: (e-mail: eneueneo04@gmail.com)

Resumo: Lançado em 1967, o oitavo dos Beatles álbum não apenas transformou a música, mas desafiou as normas da indústria fonográfica: uma inédita narrativa fictícia permitira a exploração de uma obra de ruptura, que, até hoje, transcende as fronteiras da música, desafiando concepções sobre cultura, tradição e a experiência humana na sociedade moderna.

Palavras-chave: Cultura.Musicalidade.Cidade.Estética.

1. INTRODUÇÃO: A BANDA CLUBE E A CULTURA

Talvez nunca, na história da indústria fonográfica, tenhamos visto tamanho impacto quanto ao da banda britânica “The Beatles” na ocasião de lançamento de seu oitavo álbum de estúdio: “Sgt Peppers Lonely Hearts Club Band” (1967). Um legado que se estende pela cultura musical, inovação artística e movimento estético - midiático de uma banda que buscava reinvenção através de sua própria produção. A banda clube, como veremos, surge enquanto expressão máxima deste sentimento que orientou seus quatro componentes (John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr) a definir os rumos da música ocidental em uma década explosiva.



Reprodução da capa do álbum, feita por Peter Blake, 1967.

Nossa análise, nesse sentido, se voltará ao papel do álbum nas discussões sobre arte e mídia: como a “Pepperland” pode influenciar nas concepções sobre cultura, tradição versus modernidade e entretenimento. Assim como em sua icônica capa, o conjunto de elementos diversos - e dispostos em contraposição - é o eixo estético de uma produção musical que revolucionou a indústria.

2. “DENTRO DE VOCÊ OU SEM VOCÊ”: METALINGUAGEM COMO CRÍTICA (“Within You Without You”)

Desde seus primórdios, o grupo teve de lidar com os assédios da mídia, o que, inevitavelmente, provocou reações diversas em suas produções e no modo como eram vistos - e como se viam. A “estética beatle” surge nesse contexto: Brian Epstein, empresário da banda, determinou que fossem cumpridos certos critérios estéticos favoráveis ao *show business*. Da disposição visual de seus ternos, da postura em entrevistas às próprias letras das canções, tudo aquilo que a banda britânica fazia estava, invariavelmente, dentro do quadro estabelecido pelo maquinário industrial da cultura - revisitando a noção frankfurtiana. Dadas as circunstâncias, os Beatles percorreram, até 1967, uma trajetória semelhante à de milhares de produtores culturais que, para ampliar o alcance de sua expressão, são obrigados a se submeter a uma discriminação baseada no potencial lucrativo de um dado objeto, em detrimento de seus objetivos culturais.

Esta perspectiva ganha contornos ainda mais representativos se considerarmos, também, os pontos debatidos em “Arte e Mídia: os meios como modo de produção artística na cultura” (2002). Nele, o produto da análise feita por Arlindo Machado e outros pensadores se dá de maneira a questionar o *modus operandi* da mídia que, para eles, age limitando a capacidade performática da arte e, assim, restringindo-lhe ao aspecto de entretenimento. O dilema exposto no texto se materializa no contexto de produção de Sgt Peppers: fartos de se verem obrigados a servir aos moldes da indústria (ser apenas um objeto acrítico e alienante de entretenimento), os integrantes da banda decidem se concentrar na produção de um álbum conceitual, de uma banda fictícia, alegórica, utilizando a metalinguagem como crítica ao *status quo*. Este movimento, inclusive, de subverter o meio a partir dele próprio, de modo a combinar linguagens diferentes para criar, reforçar ou criticar certo aspecto do sistema foi uma constante nos debates da obra e do curso.

“Seremos nós mesmos, desenvolvendo alter egos para que não tenhamos que projetar uma imagem que não conhecemos”. É dessa forma que Paul McCartney, baixista e compositor da banda, definiu à época a ideia da narrativa musical que definiria as rotas do disco a ser lançado. As gravações, assim, tornaram-se terreno fértil para as imaginações sonoras de John, Paul, George e Ringo: a banda explorou inéditas técnicas de gravação, instrumentação e efeitos, desafiando as expectativas convencionais sobre o próprio grupo e sobre a música popular da época. Um claro exemplo: a faixa “Within You Without You”, arquitetada por George Harrison, que, sob intensa influência da música oriental, desafiou os padrões comerciais do Ocidente que, pela primeira vez na história, reproduziam uma canção projetada por melodias e instrumentos comuns em festividades indianas, como a Cítara e o Shehnai. Como veremos mais adiante, esta hibridez se tornara constante em um álbum cujo sentido estava voltado à ressignificação da música.

3. “COM UMA PEQUENA AJUDA DOS MEUS AMIGOS”: CONTRACULTURA E TRADIÇÃO (“With a Little Help From My Friends”)

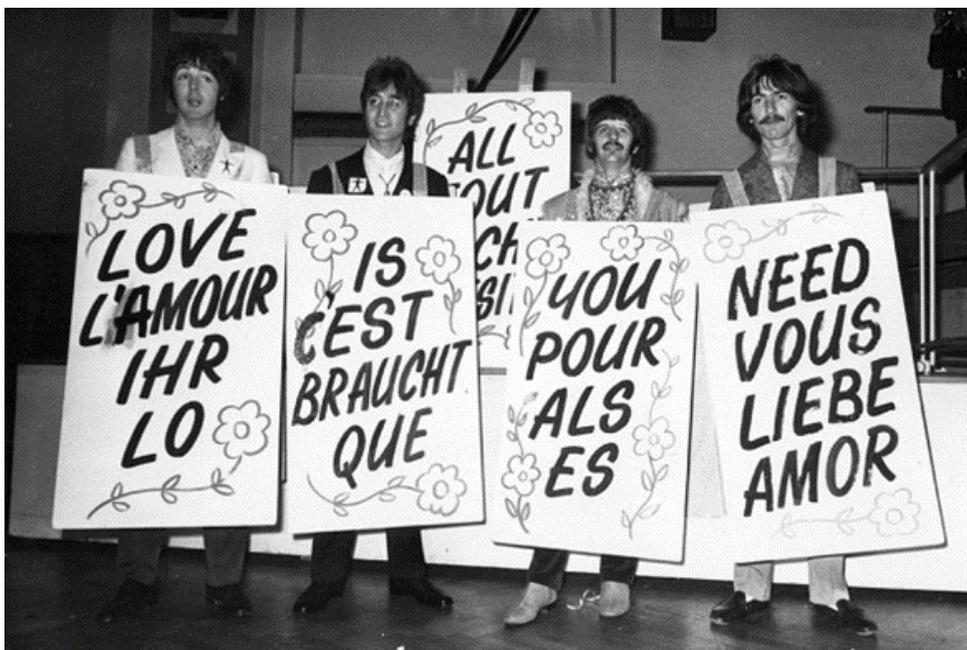
De outra parte, a proposta imagética da banda fictícia irrompeu os limites do convencional, redefiniu as possibilidades artísticas e ultrapassou fronteiras culturais. Néstor Canclini, renomado antropólogo argentino e figura frequente em nossos debates, consagrou a noção de “hibridez cultural” ao se referir ao intercâmbio/mistura de elementos identitários distintos que, agregados, favorecem o enriquecimento e a mutação daquilo que entendemos por cultura. Sob esse viés, a transversalidade de Canclini, que desterritorializa para reterritorializar certos símbolos, manifesta-se no álbum de maneira significativa. Os Beatles, durante toda a narrativa musical de Pepper, absorvem e reinterpretam elementos de várias tradições culturais: dos elementos indianos, circenses e até clássicos, o repertório da banda percorre o plano geográfico e temporal a fim de construir, a partir delas, uma experiência artística única.

A capa do trabalho, concebida por artistas de *pop art*, sintetiza o espírito heterogêneo de produção e fruição da obra. Dispostas em colagem justaposta, horizontalmente, 57 figuras de personalidades famosas emergem enquanto componentes diretos e indiretos da banda. Simbolicamente, constata-se que esta distribuição - sem hierarquias - de entidades se dá com o claro objetivo de corroer as tradicionais barreiras entre “alta” e “baixa” cultura: o antagonismo entre popular e erudito, em Pepper, não existe. O projeto estético da banda com o álbum relativiza, uma vez mais, a figura autoritária de quem define o que é arte ou, segundo os críticos ingleses à época, “música de qualidade”. Nesse sentido, composições como “She’s Leaving Home” e “A Day In The Life”, ao adicionar uma indumentária sonora da música clássica a um repertório que reflete o cotidiano suburbano do povo, acaba por desmanchar estigmas institucionalizados pela classe média inglesa. O lirismo de algumas faixas apresenta metáforas e jogos de linguagem que, em geral, evidenciam o que Stuart Hall - influente sociólogo cultural britânico - compreende como “repertórios não hegemônicos” em sua análise acerca da formação identitária de culturas e subculturas. Para ele, o conceito de cultura popular não é imposto de cima para baixo, mas, certamente, é um espaço de negociação, troca de diferentes repertórios que não necessariamente devem seguir os padrões culturais dominantes. Assim o fizeram os Beatles.

Deve-se, no entanto, sublinhar o papel significativo que o movimento hippie, em ascensão no final da década de 60, desempenhara na confecção do álbum que, posteriormente, se tornaria uma de suas bandeiras. John Lennon e Paul McCartney, líderes do quarteto, eram figuras ativas na cena subversiva efervescente do centro de Londres, onde milhares de jovens estudantes reuniam-se constantemente nos clássicos *pubs* para compartilhar valores que, em suma, representavam uma rejeição de valores tradicionais. Afinal, esta turma havia nascido durante a explosão demográfica vivenciada nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial em países como a Grã-Bretanha. Os *Baby Boomers*, como ficaram conhecidos, envolveram-se ativamente nos desdobramentos sociais, políticos e ideológicos ocidentais durante os anos 1960: a contracultura e seus movimentos sociais adjacentes nasciam em resposta à Guerra Fria, do Vietnã e da Coreia, às políticas segregacionistas estadunidenses e às ditaduras latinoamericanas; enfim, ao *establishment*.

É a partir desse sentido que a comunidade fictícia de “Lonely Hearts Club Band”, proposta no álbum, se descreve enquanto manifestação hippie - ou uma alternativa de organização social possível. E não só. A busca por experiências sensoriais e sonoras subalter-

nas, como a psicodelia, ecoam em faixas como “Strawberry Fields Forever” e “All You Need Is Love”; esta última seja, talvez, o reflexo máximo da influência hippie na produção da obra, já que se tornara hino durante as atividades do movimento.



The Beatles durante a promoção de Sgt Peppers, por Jim Gray, 1967.

4. “UM DIA NA VIDA”: A SUBVERSÃO DO ESPAÇO URBANO (“A Day In The Life”)

A narrativa melódica de Sgt Peppers, composta por 13 faixas interconectadas, se encerra com um dos maiores clássicos da banda: “A Day In The Life”. Escrita por Lennon e McCartney, a canção fora inspirada pela possível leitura de uma sequência de acontecimentos no centro da Londres noticiada pelo *DailyMail*. A faixa, no entanto, chegou a ser banida das estações de rádios inglesas, muito por causa de sua conotação subversiva quanto ao espaço urbano. A profundidade da música aborda a experiência da vida na cidade, a complexidade sensorial, o anonimato, os contrastes sociais e o ritmo acelerado. Por esta perspectiva, podemos relacioná-la ao conceito de metrópole de Georg Simmel, sociólogo alemão cujas obras exploram a vida urbana e as interações sociais nas grandes cidades.

Como discutido em sala, em “A metrópole e a vida mental” (1903), Simmel desenvolve a ideia de que a vida metropolitana é caracterizada tanto por uma intensidade de estímulos sensoriais quanto pela fragmentação da experiência. Em “A Day In The Life”, a estrutura melódica segmentada, com seções distintas e variação lírica, reflete uma complexidade sensorial que é percebida pelo ouvinte, da mesma forma que as mudanças de ritmo e dinâmica, evocando uma sensação de movimento constante e variação, se relaciona ao fluxo contínuo de experiências denunciado pelo pensador. É como se Simmel caminhasse junto ao eu lírico beatle e, com ele, pudesse constatar os movimentos da cidade. A proposta estética da canção se revela ainda mais simmeliana quando menciona brevemente uma notícia sobre um homem que morreu, refletindo o aspecto impessoal e anônimo das vivências urbanas, marcadas pela indife-

rença. Nesse panorama, o disco ganha contornos específicos em uma possível análise sociológica dentro de uma expressão artística que ecoa as dinâmicas sociais urbanas.

5. CONCLUSÃO

Em suma, ao explorar a intrínseca relação entre o álbum “Sgt Peppers Lonely Hearts Club Band”, dos Beatles, e a cultura, revela-se a magnitude do impacto que essa obra teve na música, na inovação artística e no panorama estético-midiático. Seu legado transcende as fronteiras da indústria fonográfica, destacando-se como uma expressão máxima do desejo de reinvenção através da própria produção. A abordagem metalinguística da banda oferece uma crítica perspicaz ao *status quo* estabelecido pela indústria, enquanto a hibridização representa a redefinição das possibilidades estéticas até então exploradas. Nascida com os anseios revolucionários de uma juventude ativa, Sgt Peppers é, verdadeiramente, uma obra de ruptura: sua heterogeneidade desafia, reinterpreta e ressignifica concepções sobre cultura, tradição, entretenimento e experiência humana na metrópole.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo, SP: Edusp, 2013.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. In.: **Culturas híbridas, poderes oblíquos**, p.283-350. Tradução: SILVA, Tomaz Tadeu da; LOPES, Guaracira Lopes. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp & A, 2006.

MACHADO, Arlindo. “Introdução” e “Arte e mídia: aproximações e distinções”. In.: **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SIMMEL, Georg. A metrópole a vida mental. In.: **O fenômeno urbano**. VELHO, Otávio. (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1973.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição -Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>.

Recebimento em: 25/12/2023
Aprovado em: 02/02/2024